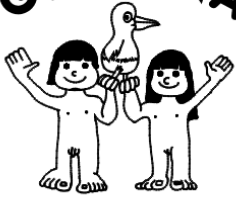


GRAUNA



GRUPO AMAZÔNICO UNIÃO NATURISTA

GRAUNA - AM

GRUPO AMAZÔNICO UNIÃO NATURISTA

FUNDADO EM 2003, FILIADO À FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE NATURISMO (FBrN)

<http://geocities.yahoo.com.br/graunaam>

Contatos com o revisor:
vicaflag@hotmail.com

Livro escrito por Luz Del Fuego, A VERDADE NUA, transcrito e revisado para ortografia atual por Jorge Bandeira.

O livro A VERDADE NUA, foi publicado em 1950, no Rio de Janeiro (segunda edição, sem informação da editora que o publicou!) A rara obra contém 19 fotos de Luz Del Fuego, e foi doada pelo naturista João Carlos, em material heliografado(cópia). As páginas não estão numeradas, apenas o índice(no final!) contém as indicações dos títulos dos capítulos e suas referidas numerações iniciais).

Dedico este trabalho de transcrição e atualização do texto de "A VERDADE NUA" para LUZ DEL FUEGO, que completaria 90 anos em 21 de fevereiro de 2007, e para a amiga Maria Luzia, primeira mulher a presidir a Federação Brasileira de Naturismo(FBrN)

Jorge Bandeira

Nota Introdutória

A VERDADE NUA foi o segundo e último livro escrito por Luz del Fuego, a eterna bailarina do povo. Para não fugir à regra, como tudo o que fazia Luz, fez o escândalo esperado. As autoridades e a família Vívacqua fizeram de tudo para colocar a obra longe das prateleiras e de seus ávidos leitores, forçando Luz a utilizar o reembolso postal para divulgar seus escritos. Corria o ano de 1950 no Rio de Janeiro, e Luz del Fuego era notícia imediata onde aparecesse seu nome, usada e abusada pelos noticiosos sensacionalistas da cidade maravilhosa.

As opiniões de Luz podem parecer para muitos utópicas e românticas, e algumas delas a colocam em choque frontal com as atuais bandeiras de luta da filosofia do Naturismo, do qual foi ela sem dúvida a precursora deste movimento no Brasil. Ressalto que o momento histórico do Naturismo era outro, com outras particularidades, e os textos de Luz relativos à prática do nudismo refletem este momento de "ajustes" do conceito de estética do corpo e saúde, preconizados e consolidados agora pelo movimento Naturista organizado.

O pensamento de Luz del Fuego era vertiginoso, por vezes exagerado (como no caso das 120 mordidas de cobra que ela afirmava ter recebido num curto período de tempo!), porém era um pensamento autêntico, gerido por uma artista que estava além de seu tempo. Era Luz uma aguerrida defensora dos animais, o que pode ser constatado por diversas passagens de sua obra, e isso muito antes da atriz Brigitte Bardot (que circulou por Búzios e pela Ilha do Sol!) se arvorar na defesa dos animais em escala mundial.

Gostaria de salientar que foi opção do revisor a não inserção neste trabalho de transcrição do texto de Plínio Salgado “A mulher Nua”, que consta no original do livro de Luz. Justifico esta ausência por dois motivos em especial: o primeiro remete ao fato de Luz del Fuego ter utilizado este texto sem a devida autorização do autor, conhecido político integralista, e o segundo é por uma confessada questão ideológica e de princípios, pois considero Plínio Salgado e os seguidores do Integralismo no Brasil como arautos do Nazi-fascismo, que pregam o ódio racial, a discriminação e segregação entre os povos, sendo preconceituosos da extrema-direita, o que no meu entender não acrescenta em nada ao legado e memória de uma mulher da estirpe de nossa Luz del Fuego. Para os que conhecem o citado texto de Plínio Salgado, “a mulher nua”, deve concordar que além de prolixo, hoje seu teor está datado e ultrapassado, ao contrário do texto de Luz del Fuego, que continua a manter seu brilho e sua verve mordaz.

É oportuno lembrar que neste ano de 2007 Luz del Fuego completaria 90 anos, se viva estivesse. Esta transcrição reveste-se então de um caráter simbólico, feita para manter vivo o legado desta mulher, notável artista, agitadora cultural que deu sua parcela de contribuição, significativa por sinal, para a libertação de muitas das amarras que aprisionavam a mulher brasileira num mundo de restrições e limitações impostas pelo modelo patriarcal, e que hoje, apesar dos pesares, a mulher já consegue alçar vôos antes nem imaginados no lar, na carreira profissional e em suas paixões. A semente de Luz del Fuego conseguiu germinar e brotar, seus frutos já podem ser saboreados em alguns paraísos. Viva o Naturismo!

Jorge Bandeira, autor de A VIDA DE LUZ DEL FUEGO, A PIONEIRA DO NUDISMO NO BRASIL.

PS “A VERDADE NUA”, livro escrito por Luz del Fuego, teve somente duas pequenas edições, a última lançada em 1950, comercializada apenas pelo correio. Após 57 anos é hoje considerada obra rara, um item de colecionador, encontrado em poucos sebos no Brasil e colocado à venda pelos especialistas por um valor não inferior a mil e quinhentos reais.

(Informações sobre a capa da obra original, extraídas do livro A BAILARINA DO POVO, de Cristina Agostinho)

A CAPA APRESENTA LUZ DEL FUEGO E A SERPENTE. LUZ ESTÁ NUA, O SEIO ESQUERDO À MOSTRA, O OUTRO SEIO ENCOBERTO POR SUA ALVA CABELEIRA. SEU OLHAR É CONTEMPLATIVO. A SERPENTE PENDE DA ÁRVORE, ESTANDO À ALTURA DO ROSTO DE LUZ, NUMA ESPIRAL VERTICAL. NA PARTE SUPERIOR DA CAPA O TEXTO, EM CAIXA ALTA :

A VERDADE NUA
POR
LUZ DEL FUEGO

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO COM OLHAR CONTEMPLATIVO, UM BRAÇO COBRINDO O SEIO ESQUERDO, A MÃO DIREITA AO LADO DO ROSTO, QUE ESTÁ POSTO DE FRENTE NA FOTO)

Não há referência dos autores das fotos.

LUZ DEL FUEGO
A VERDADE NUA
Segunda Edição
Rio de Janeiro-1950

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO COM O ROSTO FRONTAL)

DUAS PALAVRAS

Sou considerada pelos ignorantes, claro, como leviana, exibicionista e criatura imoralíssima.

“A Verdade Nua” permitirá excelente ensejo àqueles que há muito desejavam atirar a primeira pedra e não tinham a precisa coragem.

Justamente porque faço tudo o que tenho em mente, realizo as coisas que mais desejo, colocando em prática as teorias que julgo corretas, é que me censuram. Tiro da vida o que ela me pode dar de bom, de agradável e útil.

Considero a morte como o presente chegado para o natural descanso, para o sono definitivo.

Qual o motivo que nos obriga a refrearmos os nossos desejos? Simplesmente o olho alheio. E o que nos importa o que é alheio, se deles não dependemos? A meu ver, os nossos ideais estão acima de qualquer preconceito, pois a mocidade é curta e a hedionda velhice inevitável.

Por que não se simplificam as leis a fim de melhor aproveitarmos as pequenas grandes delícias que Deus nos concede em tão rápida passagem?

Considero o pudor a mais ignóbil das virtudes. Claro que quando se tem a desdita de possuir um corpo sem estética, ossos salientes e banhas “ex-abundantia” o pudor é natural. Somente com o NUDISMO salvaremos a humanidade das perversões inevitáveis.

Se o homem tem um desejo, desde que não seja prejudicial a outrem, que se lhe satisfaçam esse desejo. Para a fome temos o pão, para a sede a água, para a imoralidade, a NUDEZ.

Não existe indecência no corpo humano. Cobrindo-o com vestes, nós é que o tornamos cobiçado e nos excitamos pelo pensamento desviado.

Se a um menino de pouca idade apresentarmos DESNUDA outra criança, uma menina, ele não irá ver imoralidade nisso e vai se acostumar a vê-la assim.

A sua adolescência se tornará mais calma, sem as excitações costumeiras como as práticas solitárias e os desvios sexuais.

A mocidade passará a encarar o NU como a coisa mais natural do mundo. Vejamos a integridade anatômica e espiritual dos fisiculturistas, dos ginastas, dos que vivem ao ar livre praticando as provas atléticas e o desporto.

Para esses o NUDISMO é um assunto morto. Não se preocupam em espiar um pedaço de perna ou um decote mais profundo, como acontece com os mocinhos irritantes de beira de calçadas, que se masturbam cerebralmente à passagem de uma senhora bem proporcionada e de rosto agradável.

Se isso fosse posto em prática desde que as crianças começam a ter as percepções mais acentuadas, teríamos uma adolescência mais proveitosa e uma mocidade forte e capaz.

Para explicar o que acabo de dizer, divulgando as práticas da cultura física e da dança, é que escrevi este livro.

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO LENDO, NUA, AS CARTAS DE SEUS ARDOROSOS FÃS)

O ESPÍRITO

Deixando de lado Ardel e Seguir, Smiles e Lamartine, por opostos que sejam, nos bons tempos do colégio religioso das irmãs, cujo nome não revelarei para não as comprometer, se é que isso poderia compromete-las, faço de cabedal favorito de minhas divagações aos autores que descrevem as heroínas envoltas em espesso manto de sensualidade. E quais são eles, perguntarão as minhas ardentes leitoras?

É fácil responder.

Como base estrutural para a formação da cultura, leio Schopenhauer, Darwin, Bufon, Shakespeare. Passeio nos jardins lendo Platão, converso com o passado, declamando o “Decamerão” de Bocaccio, julgo-me Demóstenes, relendo em voz alta os seus discursos frente ao mar bravio do Leblon ou na Barra da Tijuca na Praia do Inferno. Então os hinos de Moisés, como dizia Junqueiro, decoro os versos de Victor Hugo e Heredia, decoro Ariosto, cantando os encantos de Angélica e as bravuras de Rogério e Alsina, e Torquato Tasso, maravilhoso com a sua “Jerusalém Libertada”. Depois avanço e vou à matemática com Poincaré e Albert Einstein, e consigo por instantes compreender a quadratura do círculo, em resolução, e vejo nitidamente o universo curvo enroscado como uma cobra comendo a própria cauda, inclinado para meu corpo transformado em uma nebulosa mais longa, mais lactescente do que a em que vivemos, nós, os míseros terrestres, mortais.

Neste momento eu começo a compreender a sexta dimensão, pois a quarta e a quinta constituem passadismo como os bonecos de Picasso e as hermafroditas “mulheraças” de Celso Antônio. Quando quero algo mais excitante leio a “Estrela Solitária!” vermífugo eficaz de Gordinho Sinistro, um livro de Pitigrilli ou Decobra. Em sexologia leio apenas “Serafim Ponte Grande” de Oswald de Andrade, e Marañon ou K. Ebing e Hernani de Irajá.

Mas o melhor é não ler. Deixar o espírito procurar o que há nos seus recessos, como aconselha Genolino Amado. Nas divagações, a criação.

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO NUA, LENDO, SENTADA NUMA ENCOSTA, À BEIRAMAR)

O SOL!

O Sol, o nosso Sol, centro do sistema cósmico de que fazemos parte, com a minúscula e moribunda Terra, o Sol sempre foi o centro das atenções do homem em todos os tempos.

O homem primitivo, o paleolítico, o Sapiens, o religioso. Os contemporâneos da pedra lascada e da pedra polida, já se preocupavam seriamente com o Astro-Rei.

Sem o Sol a vida na Terra seria impossível. Sem o seu calor, sem o benefício de seus raios criadores, sem a sua luz, onde o infravermelho e o ultravioleta trabalham em prol da vida sob todas as facetas, sem a sua influência, finalmente, nada seria possível, desde a planta até o animal mais evoluído, o homem.

Como elemento central de nosso sistema, de nosso universo, o Sol é a fonte que, a cento e quarenta milhões de quilômetros de distância, nos envia o calor e as energias de que necessitamos para viver.

Ele conserva e transforma os elementos de que se forma a crosta terrestre, a atmosfera, os mares e rios de que nos abastecemos. Transforma as seivas, purifica os terrenos, extingue os pequenos seres limítrofes aos dois reinos, permitindo a conservação da integridade dos organismos superiores, permitindo assim a função da clorofila das plantas, além de armazenar os materiais inexauríveis em nosso subsolo para todas as precisões da vida humana.

Sob o calor solar, notamos a variabilidade das estações do Eixo terrestre a 35°, permitindo-nos o Inverno e o Verão, além de estações intermediárias, o Outono e a Primavera, para que amenizem os excessos ou as deficiências de temperatura, ou a monotonia das mesmas.

Pode-se imaginar o benefício dos raios solares, experimentando as agruras do clima glacial das regiões árticas nos países em que o Sol quase não brilha, pela passagem tangencial de seus raios e pela cobertura permanente em céus encobertos.

As geleiras eternas, despencando em abismos traiçoeiros na infindável brancura dos icebergs, em imensas ilhas de gelo, são os reflexos apagados do que seria o nosso planeta sem o auxílio dos eflúvios solares. Os eclipses totais, por sua vez, dão idéia do resfriamento rápido da atmosfera em que vivemos.

Os selvagens adoram o Sol, os antigos exaltavam seus méritos divinos, prestando homenagens as mais dignas, às vezes dedicando oferendas em sacrifícios custosos e terríveis. E neste aspecto não deixa de ter razão aquele povo da Oceania que teme o final do mundo por um desgosto do deus-Sol. E não são as manchas solares as causas de grandes perturbações em nossos sistemas de comunicação?

È verdade que as manchas da fotosfera são milhões de vezes maiores do que a nossa mísera esferazinha doente. Basta uma destas manchas surgirem para que se arruinem as comunicações de rádio, telegráfo, etc.

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO OBSERVA UMA DE SUAS SERPENTES)

Os chineses, na vastidão de seu território, admitem que um grande dragão possa devorar o Sol durante os eclipses, e como isso seria o equivalente à morte, em seus processos infantilmente inócuos agitam panos vermelhos, ensurdecem os locais com o ruído de tambores infernais, batendo saraivada de gongos que troam os ares com clamores os mais diversos, tudo isso o fazem para afugentar o monstro e impedir que o dragão devore o Sol.

Seria infindável que quiséssemos descrever, mesmo através de uma rápida síntese, o que é e o que foi a idolatria solar desde as épocas mais recuadas de nossa História, dos tempos bíblicos de Josué parando o Sol ou quando o Sol esconde-se após a agonia de Jesus Cristo até a ressurreição radiosa do Deus-Homem.

* * *

Não se necessita de grande poder de observação para notar a diferença que existe entre uma pessoa criada no confinamento de quatro paredes e outra vivendo ao ar livre, respirando a plenos pulmões um ar rico em azoto e oxigênio, cheirando a Sol, exteriorizando saúde e vida por todos os poros, e nas atitudes, no olhar, deixando entrever uma felicidade inata, uma ventura que é finalmente a razão de ser mais provável da nossa vinda à objetivação humana.

A anemia, o linfoma, certas delicadezas da pele que não toleram a menor carícia do vento ou do Sol, são conseqüências da falta de irradiação solar, ocasionando nessas criaturas um ar de doença ou de enfermidade crônica. São como flores numa estufa.

O Sol pinta de graça e saúde, de alegria e mocidade, de força e de agilidade. Desenvolve os tecidos, os músculos, enrijece as carnes flácidas e colore o sangue.

Não são os agricultores e marinheiros os tipos mais representativos das raças? Os pescadores, os lavradores não são os procurados pelos pintores para gravar as características do povo? São indivíduos queimados pelo Sol, rudes, porém saudáveis, mais fortes e por vezes atléticos.

Se for verdade que o Sol castiga um pouco certas células quando em demasia, não o é menos que sempre beneficia desde que não façamos exposições excessivas.

E para isso são exemplos os africanos e índios, nativos e quase DESNUDOS. Não conhecem a maior parte dos males que nos afligem endemicamente, como o sarampo, a escarlatina, a caxumba e a gripe.

As doenças infecto-contagiosas são o pavor dos silvícolas, como os nossos xavantes, que temem a aproximação dos brancos civilizados, fugindo das agressões dos agentes microbianos que os “civilizados” os trazem.

* * *

Se houvesse uma interrupção dos raios solares sobre a Terra a vida desapareceria, pelo menos a vida que conhecemos atualmente. As reservas do subsolo de energia atômica poderiam até ampará-la por algum tempo, depois porém a baixa da temperatura, a escuridão, a falta dos fenômenos ocasionados pela energia solar daria à humanidade o fim que há tantos séculos ela teme.

A Terra esfriaria, esfriaria, chegaria a noite negra eterna, as geleiras dos pólos avançaria, a humanidade sofreria com o frio, procurando salvação nas regiões tropicais em que existissem restos de calor.

Aconteceria isso até que se exaurissem as últimas lenhas, se queimassem os derradeiros resíduos dentro das geleiras ESFAIMADAS e que, finalmente, era o que sobraria de nossa mísera Terra, ínfimo esferóide morto, rolando na sua órbita fixa, até que fosse alcançado pela atração de outra estrela irradiante, um outro Sol, fonte de luz benéfica e de calor bendito.

Assim recomençaria “ad infinitum” o romance da Terra, a evolução da vida e a História de uma outra humanidade!

* * *

E se pudéssemos, fora de nosso universo, lá onde as distâncias se medem por milhões de anos-luz, vislumbrarmos os acontecimentos que se sucederiam, por fim teríamos o espetáculo de uma nebulosa estruturando novos horizontes, formando outras partículas, inventando plasmas primitivos nas primeiras camadas sólidas de uma estrela recém-apagada para que ali, pela vontade divina, entre dilúvios e terremotos, floresça assim uma nova humanidade, talvez mais aperfeiçoada, mais aproximada a Deus, mas ainda assim sedenta de Sol, ansiosa de luz!

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO, NUA NA ENCOSTA, SUSPENDENDO O DORSO!)

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO, NUA, ENCOSTADA EM PEDRA À BEIRA-MAR, SEGURANDO UMA DE SUAS SEPENTES, AQUI UMA COBRA JIBOÍÁ)

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO, NUA, DE COSTAS, ENCOSTADA EM ROCHEDO À BEIRA-MAR)

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO, NUA, DE PERFIL, COM OS BRAÇOS À CABEÇA)

* * *

MINHA RELIGIÃO

Deus! Deus! O Deus que sempre imaginei não é esse que se vê em imagens pelas igrejas, travestido das mais variadas fantasias, ora colorido de azul, ora pintado de rosa, por vezes loiro, por vezes castanho ou moreno. Que existe sob vários nomes, dos Passos, do Bom Fim, da Lapa. Não, o meu Deus é diferente, sua imagem está construída dentro de minha alma. Ele existe, me anima e me conforta.

Nunca acreditei nos cerimoniais complicados dos padres. Não acreditei nunca nos “fradecos”. E isso porque não acredito em bondades que se vendam, em caridades que se comprem. Os defuntos pobres não são dignos das complicadas encomendas de suas almas. E por quê? Não tem o dinheiro para pagar ao padre oficiante? Então que este morto vá para o inferno, atravessando o Estige(Rio do Inferno) o mais rápido possível, sem perturbar o monsenhor barrigudo que está arrotando o seu apetitoso jantar, palitando os dentes e rindo às escondidas das piadas que lê nas revistas eróticas.

No cemitério a coisa ainda será a mesma. Ele tinha dinheiro? Pagava os seus dízimos? Então poderá descansar numa sepultura confortável, mais escura do que as outras, mais fria, com bichos maiores e mais famintos do que os tatus, com vermes pançudos e fartos pelo banquete.

Certa vez morreu uma prostituta.

Quando chamaram o padre para administrar-lhe o socorro da religião, o padre, o sacerdote de Deus, do Deus inventado por eles, disse que ali ele não entraria, que aquela mulher não era digna de receber o óleo santo! A não ser fora de casa ou no cemitério.

Deus! Dentro de mim existia uma série de cogitações que eu não conseguia resolver, problemas insolúveis a me atormentarem constantemente. Eu acreditava na bondade do “meu” Deus. Tinha-o como justo e sabia que ali, naquele recanto de cruzeiros tudo estava nivelado. Não existia o rico e o pobre. As sepulturas eram apenas disfarces ridículos. Por baixo, na terra podre, sob a química escura das carcaças úmidas e se derreterem em pus, estava a balança pesando o luxo com a miséria, nivelando assim as pompas lustrosas com as opacas pobreza das sepulturas modestas.

Deus era infinitamente justo. Eu devia amá-lo, e eu o amava profundamente. Via aquelas suntuosidades da matéria destruída frente ao inelutável. “Finis gloria mundi! Sic transit...”

As missas de domingo irritam-me. Vejo a exibição das grã-finas fingindo sentimentos que não existem. As esmolas são exteriorizadas com exibicionismo, as bandejas são escancaradas para as espórtulas, e estão ali sempre pedindo mais para a ganância dos tais religiosos.

Foi a realeza ou o super luxo papal o que aconselhou Jesus na sua rápida peregrinação pela Terra? Foi a ostentação dos templos e o egoísmo dos padres, a sua intolerância, os seus castigos e maldições, as suas maledicências e perseguições o que o bom Nazareno pregou em suas prédicas na Galileia?

Minha imaginação, quando criança, já despertava problemas desta natureza. Entretanto eu sei que existem exceções, raras, mas existem.

Apontam-se, contáveis, os exemplos dos sacerdotes que são verdadeiramente vocações para a carreira do sacerdócio. É difícil observar-se um religioso desses apegar-se a socorrer uma alma que necessite de seu amparo. Não vejo, e não sei de casos de um padre que se dedique a aconselhar uma dessas pobres mulheres, a firmar o propósito de a reconduzir ao bom caminho uma degenerada social, ou um decaído moralmente, um desamparado das luzes da educação cívica e fisiológica. Um exemplo que cito apenas é o desamparo que a igreja determina nos casos da prostituição. Como no fato que citei ocorrem centenas de outros. Os sacerdotes estão proibidos de levar o socorro da extrema unção às casas chamadas de tolerância, maternidades, prostíbulos. E antes, o religioso não possuía meios para intentar uma “salvação” desta alma desviada? O que fez praticamente, a não ser um ou outro sermão dominical onde mais se combatem idéias políticas do que se intenta abrir os corações como Cristo abria aos seus discípulos, dos leprosos aos adúlteros, dos ladrões aos ateus e aos assassinos?

Eu já estava com 15 anos. A minha personalidade não sofria as transformações comuns à esta idade. Conservava as minhas idéias, e apenas elas sofriam a evolução lógica da minha observação que sempre se aprimorava cada vez mais.

Nunca temi a morte. Por que temê-la, se não tememos o sono? E o que é a morte senão um sono mais profundo e mais duradouro? A vida para mim, mesmo tão nova, já a considerava uma simples aventura, uma aventura banal e cansativa, e achava a morte um verdadeiro descanso, descanso este que não deve ser lamentado. Deveríamos ter pelo final de nossas atividades na Terra, não temor, mas respeito. Nada de lágrimas!

Eu nunca idealizei casar-me, mas se tivesse filhos uma das minhas preocupações era a de educá-los sem o medo da morte. Seria a de fazê-los encarar o fim como um acidente inevitável.

A extinção natural da vida é um fato lógico decorrente da lei da inexistência de coisas eternas, com exceção da universalidade cósmica, isto é, do próprio Deus que criamos e que nos criou.

Ninguém incutiu em mim estas idéias, elas foram inatas, por assim dizer. Sou também adepta da cremação. Ao invés de práticas tão onerosas que utilizamos, por que não incinerarmos os nossos entes

queridos, guardarmos as suas cinzas, em vez de colocarmos os enegrecidos ossos, totalmente deteriorados, em bauzinhos ridículos?

O PUDOR

O sentimento do pudor originou-se do costume de cobrir o nosso corpo, pela necessidade de agasalhá-lo.

O homem primitivo, não procurando desvendar os estados intermediários, paleolítico, pitecantropos erectus, etc. , foi um animal DESNUDO, e como os outros animais, não necessitava vestir a sua NUDEZ, pois os vastos pêlos com que a natureza o dotara eram suficientes para livrá-lo, junto com sua companheira, dos rigores das temperaturas das prístinas eras e dos açoites dos ventos imemoriais.

Pela evolução desapareceriam, aos poucos, esses pêlos, que eram transformados, perdendo o aspecto de cerdas fortes, para amontoarem-se em determinadas regiões do corpo, principalmente as mais vulneráveis, as mais delicadas, como nas axilas, onde correm vasos arteriais importantes, as virilhas, onde a vulnerabilidade é mais perigosa, o rosto, as sobrancelhas que protegem os olhos, a entrada dos ouvidos, evitando a penetração de insetos no conduto auditivo, os pêlos nas fossas das narinas, etc.

Continuando a evolução do ser primitivo, foram cada vez mais importantes e necessárias as compensações para que melhor resistisse às mudanças climáticas. Desta forma surgiu definitivamente a roupa, originada inicialmente de cintos de folhas e de peles de animais abatidos.

Esse hábito fez surgir o pudor.

Sim, não estava mais o olhar habituado à contemplação dos contornos, a vista já não sabia distinguir com a mesma facilidade os atributos sexuais, desorientada pelas nascentes indumentárias, e do conjunto de todas essas circunstâncias brotou a “vergonha” da NUDEZ, o famigerado “pudor”.

Haverá coisa mais bela do que a ostentação da beleza humana?

Qual a suprema criação da natureza? O homem! E o sexo forte declina das honras da primazia, para colocar a coroa suprema sobre a cabeça graciosa de sua companheira.

Imoralidade na NUDEZ! Mas imoralidade, por quê? Se Deus, o supremo artífice, aprimorou na formação humana as mais requintadas e divinas esteias, como poderia ter esculpido uma imoralidade? O que pode haver de indecente na anatomia natural do ser humano?

A proporcionalidade de um belo corpo, o ritmo de seus movimentos ao andar, a elasticidade de um salto, a evolução durante uma prova de natação, tudo se reveste de encantos para os olhares do esteta, um presente incomparável para o artista que se queda abismado na observação dessas linhas que se transmudam em movimento, confirmando a grande sabedoria do Onipotente que as criou num aperfeiçoamento contínuo.

Existe imoralidade sim, mas na ostentação de corpos irregulares, na exibição de monstros horríveis, deformados pelos coletes ortopédicos, pelos sutiãs inimigos da beleza, pelas enxúndias dos desregramentos alimentares, pela falta de exercícios, pelo sedentarismo.

Vivamos ao ar livre, aspirando em largos haustos, o ar vivificante das praias e das montanhas, vamos passear pelas florestas e nos campos...

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO FACE A FACE COM SUA SERPENTE)

...para oxigenarmos os pulmões, fortalecermos o nosso sangue tão pobre em elementos figurados, em hematinas, em hemoglobina, e sentiremos então a verdadeira alegria de viver, a grande satisfação intransmissível da Vida!

Deixemos que o Sol, o grande e velho Sol, nos toste a epiderme, bronzeando-nos o busto e os membros, lembrando as antigas estátuas egípcias, os manares do Nilo, quando a nudez era quase que absoluta porque os corpos viviam a vida dinâmica necessária para o funcionamento harmonioso de todos os órgãos. Sintamos a responsabilidade estética de exhibir a proporcionalidade da forma na altura das intenções da

divindade suprema que nos criou. Deus não desejaria colocar na Terra os monstros descarnados, nem as velhas pançudas, de tremendas banhas que a todos os instantes deparamos na vida citadina ou mesmo nos campos longínquos das fazendas, onde quer que se encontre um local de refeições bem guarnecido ou more a preguiça hereditária dos feudos e principados medievais.

Exercitemos nossos músculos, envidemos todos os nossos esforços para afastarmos o mais rápido possível os dois fantasmas colossais, a velhice e a doença, que como os de John Milton em seu “Paraíso Perdido” ameaçam perpetuamente os que esquecem das diretrizes da boa higiene, da ginástica racional, enfim, deste NATURISMO tão aconselhado pelos fisiculturistas de todos os tempos.

Por que fazer do NU um tabu, uma coisa temida, intocável, inobservável a não ser pelo médico ou pelo estudioso de assuntos ligados às artes plásticas?

As grandes obras, as realizações imortais da estatuária, quer falemos dos egípcios, dos gregos ou dos romanos, nos deixaram os mais vibrantes documentos de quanto eram apreciados os corpos perfeitos, como se divinizavam as prendas das artes plásticas! Em Esparta a beleza humana era um apanágio da escolha celeste! A perfeição física dava ao homem um poderio que o colocava mais alto, que o sobrepunha à mediocridade, e aos deformados, os que a hereditariedade não poupou aos distúrbios genéticos, a esses era reservado o opróbrio, o ostracismo ou mesmo a morte!

O CORPO

Vejam a diferença existente entre os alunos de uma escola de cultura física e uma mocinha educada no sedentarismo das almofadas de renda. Vamos comparar as linhas corporais perfeitas de um nadador e as de um pobre guarda-livros, que é obrigado a ficar horas debruçado em cima de borradores e livros razões, encurvando de forma errada sua espinha dorsal. Não é preciso alongarmos o exemplo.

Vejam as esbeltas nadadoras, os ágeis e potentes músculos dos remadores, notem as belas formas das ginastas nos ginásios e a saúde que se desprende das atitudes dos lutadores!

O Sol é a força irradiante das nossas energias. Ele é a vida de nosso sistema planetário, sendo a nossa própria vida.

Vamos viver NUS sob os raios protetores do astro-Rei, tenhamos em mente que ele é a maior fonte de nossa vitamina D, e que essa vitamina está profundamente ligada ao desenvolvimento de nossos hormônios. E que destes hormônios para a mulher, encontra-se aquele que reforça a estrutura dos peitorais, a armação do seio, o tecido fibroso que arma o cone ou o segmento esférico, são alimentadas pelos ovários-matrina que, por sua vez, tiram da vitamina do Sol as suas fontes energéticas.

Eis a razão de possuírem as mulheres que se DESNUDAM ao Sol os mais belos seios. É do Sol e dos exercícios que nascem a rigidez e a parte firme que tanto enaltecem os poetas enamorados de forma sensual.

Nas mais conhecidas praias européias, como Biarritz por exemplo, é um fato comum as banhistas ficarem NUAS para corrigir certas deficiências orgânicas e mesmo para tirar da pele o desequilíbrio das cores entre as zonas queimadas e as que não sofreram a ação dos raios solares.

Aqui, em nossa famosa Copacabana podemos observar fatos semelhantes, sem bem que raramente. Isso também é verificável ainda em Ipanema e no Leblon. Enfim, lá onde os olhares dos maliciosos não perturbem a NUDEZ paradisíaca dos que tem idéias diferentes.

Eu por exemplo quando desejo ficar bem à vontade, não escolho essas praias, sigo para as mais longínquas, onde só tenho a companhia das minhas fiéis serpentes.

Recomendo aos principiantes não exporem diretamente o rosto às irradiações solares, ou que oculte a face sob um chapéu de abas largas, ou utilizarem óleos e pomadas protetoras, a fim de não ressecar a pele em excesso, o que fatalmente ocasionariam queimaduras e manchas indeléveis.

Um leve eritema é o suficiente para as primeiras exposições à praia. Depois, gradativamente a pele torna-se robusta, armando-se com um pigmento protetor. O Sol não deixa um rubor nocivo, e a sensação irritante é facilmente suportável.

Quanto à disparidade que se nota dos resultados obtidos nas exposições ao Sol, são decorrentes das suscetibilidades individuais.

Há os que apenas com o mormaço já sentem logo um mal-estar e a pele torna-se vermelha como se tivesse sido exposta a demorada irradiação solar.

(Foto Ilustrativa: A SERPENTE DE LUZ DEL FUEGO SOB UM TELEFONE E SAPATOS)

Outros, pelo contrário, nada demonstram, ou quase nada, apenas certo rubor ou irregular rosado acentuado mais fortemente na parte externa das coxas e dos ombros. As extremidades do corpo humano, como os pés e as mãos, são muito raras de escurecerem nas primeiras visitas ao Sol. Também devemos fazer as sessões num crescendo regular, cada dia um pouquinho mais de tempo até a pele se acostumar sem irritações ou manchas desiguais, transformando as regiões cutâneas em verdadeiros arquipélagos escuros e uniformes.

Como naquele incrível livro de Pierre Louys, “Aventuras do Rei Pausolo”, o que deveria existir se o NUDISMO se implantasse entre os homens, claro que homens e mulheres, seria uma natural fuga a exhibir o que fosse irremediavelmente feio. E isso era o que aconteceria aos velhos, ocultando as pelancas senis ou os ventres barrigudos dos sexagenários.

No reino do Rei Pausolo as meninas iam aos colégios permanentemente DESPIDAS, aprendiam as prendas domésticas, estudavam música e dança, cobertas somente com uma leve camada de arroz em pó, e eram perfumadas com essências florais.

As amas e preceptoras ficavam cobertas, dos pés à cabeça, e eram severas, o que se podia adivinhar no rosto fechado, conseqüência de memórias insuportáveis que não apagavam os tempos em que elas é que freqüentavam os bancos de escola.

Sim, meus senhores e minhas reverentes senhoras, quanto tem de bela a NUDEZ bela, tem de hedionda a NUDEZ hedionda.

Não poderá existir mais grata contemplação aos olhos humanos do que o de um NU feminino irrepreensível. Digo feminino pela simples razão, hoje perfeitamente admitida pela generalidade dos estudiosos dos assuntos, de que o NU masculino é desagradável aos estetas e pintores. Também a situação dos genitais no gênero humano predispõe ao sentimento negativo ao puro esteta, em que não influam os germes da libido desenfreada.

Aliás, é de notar-se a pequena qualidade dos NUS masculinos existentes nas obras de arte, escultura, pintura, desenho, gravura e coreografia, existentes nos teatros de todos os tempos, nos museus e galerias de todos os continentes.

A Alemanha foi o país campeão na campanha do NUDISMO. Até Hitler.

Depois, talvez por uma influência de complexos recalçados, ocorreu a proibição das práticas NUDISTAS. E a tal ponto levaram as proibições ao NU que até os museus científicos onde se mostrassem estudos referentes ao corpo humano, seja normal ou com debilidades patológicas, tudo foi posto no roldão das mordças, da censura e atirado às fogueiras da falsa moral.

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO NO BAILE DE CARNAVAL, COM A FANTASIA DE EVA E A SERPENTE)

O PRECONCEITO

Seria necessário expor aqui a minha maneira de pensar no que se refere às rotinas? Claro que não. Minhas convicções das ridículas maneiras, dos preconceitos seculares que entravam o progresso e dificultam as iniciativas, essas convicções foram sempre os obstáculos e os degraus que atrapalharam ou auxiliaram a minha ascensão na carreira que escolhi.

Temos processos de educação e desenvolvimento mental e físico que não podem deixar de enervar o mais impassível observador. Mas isso é uma outra história que só deverá ser seriada em outro livro a ser lançado brevemente.

* * *

Os escravos da sociedade são uns eternos enfermos. Não vivem quando dosam as emoções de acordo com as circunstâncias.

Eu penso que não devemos sufocar as nossas ambições, desde que não prejudiquem ao próximo. Entretanto desculpo o crime, perdôo o adultério desde que praticados por amor.

A vida humana é excessivamente curta, sua brevidade foi e será motivo de queixas às gerações futuras, de estudos científicos, experiências biológicas para que se ache um meio qualquer de esticar um pouco mais nossa passagem pela Terra.

Até hoje nada foi definitivo, os descobridores de soros aperfeiçoados e prolongadores da vida morrem relativamente cedo. A civilização mesma contribui para o ceifamento de muitas vidas que apenas começam a viver, aumentando as percentagens das estatísticas de morte não natural, mortos em idade aquém da estabelecida pelas possibilidades naturais.

Marañon diz que temos a idade de nossas glândulas.

Se assim o for eu ainda não saí dos meus 15 anos.

Minhas glândulas tireóides, supra-renais, hipófise e ovários devem estar em ótimo estado de funcionamento. Sou permanentemente alegre. Fujo de pessoas céticas, dos pessimistas, dos misantropos. Procuro os ambientes alegres onde haja luz e ar. Detesto locais fechados, com cheiro de mofos, odeio a confinção e a umidade...

Assim minha aspiração é o campo, a amplidão, o céu e o infinito!

Assim é a minha alma! Quero as franquezas, as situações claras, as amizades que destilem luz e felicidade. Vamos para o ar, ao mar e para o mato silencioso.

Penso como Oscar Wilde, a melhor maneira de escaparmos ao martírio de uma tentação é nos lançarmos nela!

A vida sendo curta, façamos o possível para fruirmos o máximo de suas delícias, destruindo os falsos ídolos que em vez de nos enganarem com a imortalidade, destrói o pouco que podemos aproveitar aqui na Terra.

O ideal burguês do casamento é um ideal falido. É falido porque na maioria das vezes o casamento é arranjado pelos pais, ou por terceiros que se assanham com proventos descabidos, não existe via de regra o amor, que é substituído nestas ocasiões pela ambição. Por isso logo aparece o tédio, a saturação do casal um pelo outro e brota a idéia da separação, do desquite, do divórcio, que infelizmente não existe ainda entre nós.

* * *

As idéias sobre a falsa educação, sobre o NUDISMO e suas ligações com o problema sexual foram sempre motivo de minhas constantes cogitações e estudos. Apesar de ser uma jovem aluna de colégio religioso, estava constantemente a matutar nas coações a que submetem a nós mulheres no que se refere ao casamento.

Desta forma desde criança eu tinha em mente não me casar e seguir uma livre carreira em que eu pudesse exibir meus conhecimentos e gostos artísticos, ao mesmo tempo em que me instrísse espiritualmente.

Entre todas as tentativas que fiz para descobrir qual das artes seria a de minha preferência, ou melhor, a que mais se coadunasse com as minhas possibilidades ou com minha vocação, uma sempre se destacava das demais: a coreografia parecia ser a minha verdadeira vocação.

Fiz várias experiências e cheguei à conclusão que seria a dança a escolhida, pois ela é mais acessível ao grande público, e poderia assim facilitar-me o ganha-pão no futuro, além de proporcionar-me diretamente os aplausos que o meu temperamento exigia.

E venceu Terpsicore.

REMINISCÊNCIAS

Fora de colégios, minha preocupação além das cogitações de ordem sensual, continuava a de ser artista, de me tornar notável exibindo-me em público, recebendo os aplausos, as palmas e as flores dos admiradores.

Assim eu ia ao cinema e mais raramente ao teatro, quando retornava para casa, via-me repetindo as poses e os gestos que tinha visto na tela ou mesmo nos palcos teatrais.

A dança, entre as outras manifestações da arte, como já expliquei, fazia a minha imaginação traçar planos gigantescos, onde eu seria elevada aos píncaros da carreira coreográfica.

Tanto desejei que arranjei meios de estudar danças modernas. O professor facilitou meu aprendizado baixando os preços das aulas. Em pouco tempo consegui progressos verdadeiramente notáveis. Meu mestre, estimulado com a minha vocação e desenvolvimento artístico, caprichava nas exigências e nos exercícios.

Depois de alguns meses tive o desejo de criar qualquer coisa de novo, apresentando como uma surpresa ao meu mestre, um bailado crioulo, nacional, inédito. Para isso fui a procura de elementos básicos de informações, às bibliotecas, aos arquivos, às coleções particulares que me pudessem informar quais as maneiras mais corretas de colher os movimentos para a execução da minha dança.

Pensei então em dançar com cobras tipicamente brasileiras, em adestrar onças ou jacarés para embasbacar as platéias. Depois fui eliminando outros animais, deixando apenas as cobras.

Qual seria a serpente mais apropriada para os meus bailados? As venenosas, pela peçonha e pelos movimentos vagarosos, mesmo que lhe extraíssem as presas e as bolsas de veneno, não serviriam. Restaram as sucuris e as jibóias.

Escolhi, pela beleza dos coloridos, as jibóias, que são mais elegantes, mais decorativas e de melhor adestramento. As sucuris, com suas cores escuras, muito grossas, foram excluídas.

Encomendei a um caçador de Mato Grosso uma jibóia de tamanho regular. Foi grande a minha satisfação quando os criados me anunciaram que estava aguardando em casa um mensageiro com um caixote contendo uma cobra!

Corri para receber a tão esperada visita. Considerei o caixão muito pequeno para conter uma jibóia.

Abrimos o caixote e vimos uma coisa avermelhada, enroscada no canto da caixa. Tratava-se de outra espécie de ofídio. A tiramos da caixa e a acomodamos melhor. De qualquer forma era uma cobra, ao menos. A pergunta agora era: qual seria a sua alimentação? Restos de comida ela nem tocava, mandei catar insetos, depois coloquei verduras, doces, nada deu certo, o bicho não comia nada disso. Alguém lembrou de capturar um passarinho, porém eu tive pena de jogar o bichinho para ser devorado pela cobra.

Depois de dois dias resolvemos retirar de vez a cobra do caixote, e criando “alma nova”, a danada fugiu, indo parar no banheiro, sumindo talvez pelos encanamentos, e eu fiquei desesperada!

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO E A SERPENTE)

Não dei alarme receando as conseqüências, pois não é permitido criar serpentes em apartamentos.

Depois de três longos dias o bicho apareceu no banheiro de uma senhora, moradora do primeiro andar, havendo descido pelo ralo. Houve pânico, correrias e confusão. A cobra era uma coral!

Não sei como ficaram sabendo que a cobra era minha! Fui intimada pela polícia a retirá-la daquele local. Quando fiquei sabendo que o bichinho era poderosamente venenoso, fiquei em pavorosa.

Imaginem, ter que tirar aquilo de um banheiro! Criei coragem, pegando um pano grosso, joguei em cima do réptil e consegui atira-lo dentro do caixote.

No dia seguinte levei a cobra ao Instituto Vital Brasil.

Resolvi desistir das cobras. Não foi sem tristezas que tomei tal decisão. De noite sonhei com um enorme píton, como aquelas enormes serpentes que estão no grupo de Laocoonte.

SERPENTES

Um amigo de nome Alberto despertou-me novamente a velha aspiração, contando-me que sabia de uma cobra justamente como a que eu desejava. Finalmente acedi. Veio o animal. O achei magnífico! O amigo então me disse que a cobra veio do Jardim zoológico de Niterói.

Esta cobra estava toda marcada de cicatrizes, sinais de ferimentos antigos e recentes. O animal demonstrava ser manso, talvez devido ao seu estado de desnutrição. Parecia muito faminto, e media mais de dois metros.

Levei a cobra ao Circo Pavilhão Azul, onde eu conhecia um palhaço de nome cascudo que com toda dedicação amiga me ensinou a tratar daquela serpente. Aliás, diga-se de passagem, foi esse palhaço de nome Cascudo a única pessoa que fez algo por mim não visando receber qualquer tipo de pagamento. Tratava-me com todo respeito e atenção e foi um grande amigo.

Um belo dia a cobra revoltou-se! Parecia outra serpente. Um naturalista que viu esta cena nos avisou que corríamos grave perigo de morte, pois a jibóia na verdade era uma feroz jararacuçu!

Imaginem o meu horror! Decididamente eu não tinha sorte com cobras. Só apareciam em minhas mãos animais venenosos e só por uma grande sorte ainda não tinha sido picada por um deles.

A cobra devia ter tomado algum tóxico, estar moída de pancada, para ter estado tanto tempo sem fazer uso de sua potente arma, as terríveis presas. Jararacuçu! A maior e mais terrível de nossas cobras! Os botes que ela desferia no palhaço Cascudo não tiveram êxito em virtude de o palhaço estar calçado com altas botas de couro e estar usando luvas adequadas para aquela situação.

O animal teve que ser sacrificado, infelizmente.

Uma pena, pois eu já estava me acostumando àquela cobra!

Surgiu então, de novo, o nosso amigo Alberto. Sabendo do que tinha acontecido, jogou a culpa em alguém que o enganara, que afirmou que aquela cobra era uma jibóia.

Venceu mais uma vez a minha vontade, e eu aceitei a hipótese de receber outra cobra de Alberto.

Dias depois chegou a serpente. Desta vez veio uma cobra certa. Não era tão grande como a Jararacuçu, e por precaução mandei que lhe arrancassem as presas.

A coitadinha durou apenas sete dias.

É que com os dentes lhe tiraram também a língua!

Mas uma “tragédia”, mas o que fiz foi reagir de maneira forte, quis com todas as forças possuir uma grande serpente, domesticá-la, dançar com ela em público, envolvendo-me em suas perigosas espirais, sentindo o contato de suas escamas ásperas e frias!

Alguns meses mais tarde, mediante o pagamento de trezentos cruzeiros, consegui obter uma jibóia que media quase dois metros e meio de comprimento. O animal era tão bravo e indomável que o próprio Cascudo não se atrevia em colocar as mãos nele.

Depois que foi bem alimentado o animal tornou-se menos agressivo.

Quase três meses depois tirei a cobra de sua gaiola e a deixei solta pelo apartamento. Quando enfim ela se aquietou num canto da sala, tentei segura-la, perto da cabeça, como me ensinou o amigo Cascudo.

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO NUA, DEITADA NUMA ESTEIRA)

Porém a cobra se esquivou rapidamente e mais uma vez não consegui realizar meu desejo. Não sei em que buraco se meteu aquela cobra enorme! Dois dias mais tarde ela apareceu sorrateiramente embaixo de minha cama!

Deixei que se acostumasse mais um pouco. Ela se alimentava com pequenos animais vivos, eu mandava algumas pessoas a alimentarem, pois tinha asco e pena de ver um pobre animal ser devorado pela enorme serpente. Ela se enrosca pelos cantos e nos olhávamos como duas amigas que estivessem brigadas, não nos hostilizamos, respeitávamos uma à outra. Às vezes quando sentia calor e estava deitada no chão, percebia que a cobra se aproximava de mim. Certa noite ela finalmente passou deslizante sobre o meu corpo. Não senti nem medo e nem nojo.

Assim vivemos por algum tempo, não interferindo na vida uma da outra. Minha amiga parecia querer firmar um pacto de não agressão.

Uma tarde recebi a visita do palhaço amigo Cascudo. Com assombro vi que ela não se opôs quando ele a tomou nos braços e a levantou a certa altura do chão.

Experimentei segura-la pela cabeça, apertando-a levemente, depois afrouxar os dedos e permitir que ela deslizasse por minhas pernas. Deitava de propósito para que o animal passasse pelo meu corpo. Um dia dei e ela veio encostar-se do meu lado.

Numa outra vez ela se enroscou nas minhas costas.

Toda semana ela comia um coelho. Nunca presenciei a hora de seu almoço (na verdade, só nos EUA fui obrigada a alimentá-la!)

Estas cenas para mim são as mais desagradáveis, sendo a parte mais árdua de minha convivência com os ofídios. Sempre mando um criado alimentá-los. Quando o criado que não está acostumado se nega a cumprir esta ordem não é difícil encontrar um desalmado que até se diverte com essa barbaridade!

Catorze meses trabalhamos assim e a cobra estava completamente dominada e dócil. Parecia até um cão, aliás um cão com alguma afeição por sua dona. Ela também era alimentada com cobaias, duas por semana. A fatalidade me perseguia, no entanto. Uma manhã percebi a cobra muito inquieta, agitando-se muito. Achei que necessitava sair por algum motivo, mas não era isso. Talvez mandaram alguma das cobaias infectada ou envenenada. O certo é que a serpente morreu antes do cair da noite. Eu chorei como se tivesse perdido um filho!

Todo o meu grande e paciente trabalho estava perdido!

Ou desistia ou recomeçava tudo novamente! Recomecei.

Encomendei duas jibóias. Iria trabalhar com duas. As duas seriam minhas discípulas, pois se uma desaparecesse eu ficaria com uma para trabalhar. Não devia ser muito mais árduo ensinar duas serpentes.

Chegaram dois exemplares magníficos. Um casal! Mediam aproximadamente três metros, sendo que a fêmea era um pouco maior. Estavam muito selvagens e famintas. Foi necessário que Cascudo viesse me ajudar com as cobras. Colocamos um grande cobertor no chão para agasalhá-las melhor. Com espanto vimos a fêmea engolindo quase todo o cobertor!

Pude analisar a cena à vontade. Com os maxilares deslocados, afastados, como se deslocados e com o ventre muito dilatado, eu podia enxergar seus dentes em forma de serras afiadas. Calculei bem o perigo que representava um ataque de minhas amigas serpentes.

Não podíamos deixar que o cobertor entrasse por inteiro na boca da serpente. Eu puxava o tecido de um lado, pegando pela ponta da coberta, enquanto Cascudo segurava pelo rabo da cobra, que dava forte “chicotada”.

(Foto Ilustrativa: A SERPENTE NAS COBERTAS, COM LEQUE E VENTILADOR)

Desta maneira conseguimos tirar a coberta de dentro da cobra, que saiu envolto de uma baba gosmenta! Algo realmente desagradável! Cascudo segurava a cabeça da cobra que já tinha articulado a mandíbula. Depois disso a cobra foi se aquietar num canto afastado da casa.

O macho era mais sossegado, mais fácil de adestrar.

Passados dez meses de treinamento, os animais estavam como eu desejava. E estavam amistosos comigo. Não que o ciúme não estivesse presente: o macho tinha zelo por nossa amizade e atacava sempre a companheira. Cheguei a ser mordida 120 vezes.

Aos poucos as cobras foram se acostumando com minhas carícias rotineiras, e assim acabaram não procurando os ringues de lutas, onde maltratavam as suas belas escamas multicores, exoticamente desenhadas.

O tempo é o melhor mestre.

Hoje, quando chego dos passeios, sou esperada pelo casal de serpentes com demonstrações de júbilo, que silvam e chamam de maneira prazerosa. Acontecem fatos bem pitorescos nestas ocasiões.

Por exemplo, as fugas a princípio me aborreciam profundamente.

De um lado, pelo prejuízo que me causariam a perda de um animal acostumado a trabalhar comigo e a quem já tinha uma grande afeição, e por outro os aborrecimentos pelo receio e pavor dos moradores vizinhos, que gritavam, berrando muitas vezes, fazendo uma confusão medonha por causa das fugitivas.

Certa vez noticiaram nos jornais a fuga de uma terrível serpente!

“FOGE DE UM ELEGANTE APARTAMENTO DE COPACABANA UMA TERRÍVEL SUCURÍ!”

Claro que não foi nada disso.

Cornélio, o macho, havia se escondido durante uma semana inteirinha. Comuniquei o caso à polícia e fui socorrida por um investigador muito gentil, mas inutilmente. A cobra desapareceu mesmo. Depois de sete dias, sem que ninguém mais a procurasse, saiu a serpente muito faceira de um buraco que havia por detrás do bidê. É fácil constatar minha alegria com este encontro, pois estava desesperada desde o sumiço de Cornélio.

(foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO NO BAILE DE CARNAVAL COM SUA FANTASIA “EVA E A SERPENTE”)

BAILADOS

Embora pareça fácil dançar com uma cobra, principalmente números lentos, não o é, pois em primeiro lugar a bailarina deve possuir muita força para sustentar a serpente entre os braços, bem alto, com mãos poderosas para manter esta posição durante as contorções e nos volteios das danças.

Depois surgem os necessários conhecimentos de coreografia, como no meu caso, de danças crioulas, maracatus e a minha já famosa “Tentação de Eva”, que com o peso de um animal de dezesseis quilos não fica ao alcance de qualquer bailarinzinha simplesmente habilidosa em passos clássicos e cabriolas.

Note que o peso da cobra não deve ser percebido pelo público, os movimentos devem ser sempre graciosos, a bailarina não pode demonstrar fadiga, cansaço ou esforço no manejo do animal.

Outra dificuldade constante nos números de danças com cobras é a decorrente de inesperadas reviravoltas que a raiva e o humor de um dia ruim podem causar na cobra. O pior é quando a cobra se enrosca nas pernas da dançarina, inesperadamente.

Com Castorina, a cobra fêmea que está com quase quatro metros de comprimento, interpreto “Tentação de Eva”, e com Cornélio, o macho, de apenas onze quilos, executo os maracatus.

Nas demais danças de meu repertório não necessito de serpentes.

Os frevos, os batuques, os sambas e maxixes são bailados a sós.

Tenho ainda cateretês e fandangos de estranho sabor afro-brasileiro que estão sendo estudados para se confirmar se as duas cobras poderão ser utilizadas neste número de atração máxima, estou ensaiando este número, longe ainda da vista do grande público.

Na minha curiosidade inata e que cada vez aumenta, fui assistir a várias macumbas em terreiros, a fim de apreciar ao vivo as passagens mais elaboradas, que me pudessem fornecer elementos de auxílio para

enriquecer meu repertório coreográfico, e durante uma das visitas que fiz a um terreiro pouco conhecido na Pavuna, vi com alegria e ao mesmo tempo com surpresa, que o “Pai-de-Santo” usava uma cobra em suas práticas de magia negra. Era uma cobrinha pequena, verde, mas uma cobra.

Aumentou então a idéia que tinha há muito tempo e que me alimentava em minhas divagações noturnas.

Em Pernambuco estudei o frevo das ruas, bem de perto, mesmo no coração da Veneza Brasileira, nas zonas em que o frevo atinge um verdadeiro delírio durante o reinado de Momo.

Meus ideais são as criações artísticas, não fico satisfeita com o que consigo, apesar dos frenéticos aplausos com que sou recebida pelo público, desejo sempre uma coisa nova, um exotismo diferente.

O “clássico” não me atrai, admiro o clássico apenas em algumas artistas dotadas de um dom excepcional ou apenas como elemento decorativo de certas óperas.

Para mim a metodologia clássica na dança é muito rígida, e seus intérpretes atuam automaticamente. Quero mais amplitude de interpretação,

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO NUMA DE SUAS DANÇAS)

Desejo uma dança que me traduza inteiramente, uma série de movimentos rápidos ou lentos que se sigam como fases de um desabrochar de flor, como capítulos de um romance amoroso em que as cenas não percam o interesse do leitor atento aos momentos culminantes, nos olhares embevecidos dos que os lêem!

Não é improvisação. Não. Não sei se estou sendo compreendida com a suficiente clareza. As composições a que me refiro são estudadas e calmamente meditadas e podem, às vezes, sofrer a influência de um conselho ou de uma opinião. Porém, não quero que se tornem a repetição decalcada eternamente, monótonas e cansativas.

Quero quebrar a pedra litográfica, inutilizar o zinco que gravou a minha obra de arte! Cada vez que executo a mesma dança, nos ensaios, antes dos que aos que me assistem deslumbrados, a impressão de que algo diferente ocorreu, de que qualquer coisa fora do comum se passou em meus nervos, percorrendo a minha sensibilidade, até exaurir-me nas melhores e mais ardentes emoções de minha alma!

Em “Tentação de Eva” há uma parte em que a serpente parece dizer a meu ouvido: “come Eva, a maçã, serás então a rainha do mundo!”. Eu ensinei a jibóia a se aproximar de mim e mostrar a língua como se falasse a mim, em segredo: “não perca tempo! Chegou a hora de seres a dona do universo!”

E eu recuso, até que a tentação é mais forte e sucumbo aos pedidos da serpente!

Sinto no âmago de meu ser todos os detalhes desta cena! Existe um momento que tenho a convicção de que sou realmente a esposa pecaminosa de Adão, do Adão bíblico, claro!

Após terminar minha participação em uma filmagem fui aos Estados Unidos, onde permaneci estudando pelo espaço de seis meses. Não aproveitei muito, infelizmente, devido ao meu péssimo inglês, fazendo aulas de bailados e arte dramática.

Em apresentações especiais dancei a “Tentação de Eva” para alguns críticos e coreógrafos eminentes e a opinião unânime foi totalmente favorável ao meu trabalho. As dificuldades que encontrei limitaram-se às orquestras norte-americanas, pois não sabem executar os ritmos de nossas melhores danças. Por este motivo não aceitei assinar contratos, até porque a minha finalidade e razão de minha viagem àquele país tinha sido os estudos.

Tenho a intenção de retornar aos Estados Unidos levando um bom grupo musical, só assim poderei realizar meu repertório brasileiro, aceitando contratos que podem surgir por lá. Poderemos então mostrar aos norte-americanos o quanto podem as cuícas, os reco-recos e os pandeiros, excitados pelas revoluções rítmicas de Luz del Fuego.

Fiz tudo isso chegar ao conhecimento do nosso presidente Dutra.

Os diplomatas sabem que muito mais pela pátria fazem os artistas, superando com suas artes a dezenas de comissões diplomáticas, compostas por delegações especializadas em não fazerem absolutamente nada, ou especialistas em receberem condecorações das mais variadas.

Se o Presidente soubesse o que os americanos perguntam a toda hora: em que ponto da Avenida Rio Branco foram capturadas aquelas cobras? Se o Brasil é maior do que Copacabana, se a Argentina e o Rio de Janeiro são os mesmos lugares, além de outras bobagens. Só assim seria capaz de escutar com um pouco mais de tolerância e de interesse a tudo que eu tenho para lhe falar, com lógica e detalhes minuciosos, na primeira ocasião que me apresentar.

Levei uns cem discos de batuques, sambas, frevos, foi tão grande o sucesso que gentilmente ofertei às estações de rádio que imediatamente começaram a executar as batucadas e os cateretês “cá de baixo” com extraordinário êxito.

Uma das coisas que mais me chocaram foi uma festa no Rockefeller Center, onde existiam representantes de todos os países, menos do Brasil!

Nas vésperas de meu retorno ao Brasil, surgiu um excelente contrato, porém era o começo do inverno, e eu não pude aceitar a proposta porque as cobras não iriam resistir ao frio. Sacrifiquei os meus interesses e a oportunidade pelo bem que dedico às minhas amiguinhas. (2)

(Nota de rodapé: (2) Quanto mais conheço as mulheres, tanto mais amor dedico às cobras)

(Foto Ilustrativa: LUZ DEL FUEGO DANÇANDO FREVO)

(Texto “A mulher Nua”, escrito por Plínio Salgado)

ÍNDICE

DUAS PALAVRAS	7
O ESPÍRITO.....	11
O SOL!	15
MINHA RELIGIÃO	35
O PUDOR	39
O CORPO	45
O PRECONCEITO	53
REMINISCÊNCIAS	57
SERPENTES	63
BAILADOS	75

A mulher nua – Plínio Salgado 87

Transcrição finalizada em Manaus, no dia 16 de fevereiro de 2007.

Jorge Bandeira
vicaflag@hotmail.com

